

«OS PORTUGUESES TÊM O DIREITO DE EXIGIR QUE OS GOVERNANTES PONHAM OS INTERESSES DA NAÇÃO ACIMA DOS JOGOS PARTIDÁRIOS».

D. EURICO NOGUEIRA
Arcebispo de Braga

A Voz de Loulé

SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

(Preço avulso: 5\$00) N.º 694
ANO XXVI 28/9/78

Composição e Impressão
«GRÁFICA EDITORA»
Av. João Ferreira da Maia, 20
Telef. 92091 RIO MAIOR

DIRECTOR E PROPRIETÁRIO
José Maria da Piedade Barros

Redacção e Administração
GRÁFICA LOULETANA
Rua Marechal Gomes da Costa
Telef. 6 25 36 LOULÉ

HAJA MISERICÓRDIA para com a Misericórdia de Loulé

■ É TEMPO DE REPARAR OS PREJUÍZOS CAUSADOS ÀS INSTITUIÇÕES DE MISERICÓRDIA!

Para sermos fracos e deixarmos os eufemismos e as metáforas no tinteiro, a Misericórdia de Loulé não precisa daquilo que generosamente tem constituído desde os seus primórdios a sua razão de ser: conceder lenitivo e mitigar as agruras e as carências dos mais necessitados e desamparados. Isto é, a Misericórdia de Loulé não depende da misericórdia alheia, mas os seus protegidos (esses sim), aqueles que por seu intermédio (porquanto se enverganharam de estender a mão à caridade pública) vão beneficiando do calor moral e material das suas dédicas e da sua ação altruísta.

Por outras palavras poderá dizer-se que a Misericórdia de Loulé, o que pretende, para cumprimento do seu postulado, é a solidariedade e a cooperação dos que podem e daqueles (muitos são ainda) que nutrem pelos mais desfavorecidos da sorte, sentimentos de comiseração e aféição.

Ainda recentemente, num comunicado lançado neste jornal, a Santa Casa da Misericórdia de

Loulé, depois de passar em sumário revista os acontecimentos que perturbaram a dado momento a sua vivência (como das demais Misericórdias espalhadas pelo País) ao ponto de ter feito socorrer a sua própria Mesa gestora, levanta a voz para anunciar que se mantém viva «uma Instituição velha de séculos» e «que nem tudo está perdido»!

Com efeito, a Comissão Administrativa que se encontra a reger actualmente os destinos da Misericórdia de Loulé, depois de aludir ao facto de ter sido despojada do seu hospital e de que, por consequência «curar os enfermos é

agora tarefa do Estado», lembra que tem ainda inscritos no seu devocionário 13 deveres e entre eles, sob o lema «consolar os tristes», o de lançar-se em obras de assistência à 3.ª idade, designadamente, à abertura de lares e centros onde se possam acolher e confortar pessoas idosas e senis.

Como se sabe o projecto que se propõe atingir (não classificar de ambicioso mas de ponderoso) é de custo financeiro elevado para o qual falecem os recursos que estão reduzidos ao mínimo.

Por isso se dirige não só aos seus mais antigos Irmãos (católicos ajuramentados ao compromisso de obras de misericórdia), como a possíveis e eventuais ami-

(continua na pág. 3)

CONCURSO HÍPICO INTERNACIONAL DA PENINA

Um artigo de
JOSÉ MANUEL MENDES

Reatando uma das melhores e mais válidas tradições do calendário turístico do Algarve, voltou a ter lugar no Hipódromo da Penina, (actualmente, com um dos relvados de maior categoria em toda a Europa), o já afamado Concurso Internacional de Saltos. (continua na pág. 3)

Demos início na semana passada, nas páginas de «A Voz de Loulé», à abordagem da temática Turismo, encarada na sua perspectiva de Planeamento, com o objectivo de, por algum modo, contribuir para o aprofundar do estudo de um sector vital para a nossa economia.

Trata-se, como era inevitável, de uma análise essencialmente teóricizada, mas cuja aplicação prática já ultrapassou de há muito o simples desempenho de «enchimento de alfarrábio», e já provou em múltiplas partes do mundo a sua eficácia, e a necessidade que existe de constantemente desenvolver as técnicas de como planejar o Turismo.

O que assistimos hoje, no nosso País, é um Turismo autogestio-

O espectáculo português

Por: MANEL DE QUERENÇA

Para quem como nós vive no estrangeiro com o coração em Portugal por ser pátria sua, com o ouvido alerta do que a propósito do nosso país se diz cá por fora, por vezes em voz baixa, a propósito do triste espectáculo que

os nossos políticos oferecem ao mundo que os observa e julga, não pode deixar de sentir apoderar-se de si, uma imensa tristeza. Essa tristeza é ainda maior, quando se passam algumas semanas em Portugal — como foi agora o nosso caso — e se constata que, infelizmente, — a realidade excede a ficção.

Homenagem ao Dr. Mário Lyster Franco

No passado Sábado, 9 de Setembro, em Faro, na residência do Dr. Mário Lyster Franco, foi este ilustre algarvio homenageado por iniciativa da Casa do Algarve e do Grupo de Estudos Algarvios.

Inicialmente previsto um vasto programa evocativo da vida e obra de Mário Lyster Franco, mostrou o homenageado desejo de que tudo se resumisse a um breve en- (continua na pág. 4)

trada à «PORTUGAL», revista editada (continua na pág. 2)

ANOTAMOS SEM COMENTÁRIOS:

11 toneladas de bacalhau apodrecido num barco em Lisboa

Perto de 11 toneladas de bacalhau deteriorado nos porões do navio «João da Nova», ancorado na doca do Entreponto de Santa Apolónia e imobilizado em consequência da greve da Marinha Mercante, foram removidas para Beirolas, onde foram queimadas.

O produto, ao que se aventa oriundo do Norte da Europa, era destinado a Ponta Delgada.

REMODELADA DA CRECHE E DO JARDIM DE INFÂNCIA DE LOULÉ

■ A EMPREITADA ORÇA (PREÇO BASE) OS 4.489 CONTOS

Pela Comissão de Equipamentos Colectivos da Secretaria de Estado da Segurança Social, foi aberto concurso público, que tem por objecto uma completa remodelação e ampliação da Creche e Jardim de Infância de Loulé, obras estas, de certo vulto, que virão proporcionar sensível melhoria funcional àquele estabelecimento de carácter e utilidade vincadamente sociais.

A remodelação aludida, como se deprende, incide em todas as dependências e áreas afectas. Desse modo está prevista a remodelação da zona administrativa, da zo-

na de serviços, do Jardim de Infância e Creche, bem como a ampliação do módulo cozinha-copodespensa e melhoramentos dos espaços exteriores.

Com alguns detalhes pode-se conjuntar que a «zona administrativa», depois de concluídas as obras adjudicadas, passará a dispôr de um gabinete para pessoal técnico, independentemente do pessoal de serviço.

Com a solução em vista propõe-se um mais fácil contacto entre a direcção e pessoal técnico na preparação de trabalhos didáticos e ainda melhor localização da secretaria.

As correcções a introduzir na chamada «zona de serviços» ainda que consideradas ligeiras, visam a definição de espaços de tratamento de roupas, lavandaria, engomaria e arrecadação e ainda dotação de equipamento adequado às exigências das suas funções.

No tocante ao Jardim de Infância, com capacidade estimada para 75 crianças, são as dependências que lhe estão adstritas as que, devido ao seu estado notório de degradação, as que carecem de mais ampla intervenção restauradora, inclusivamente a parte sanitária que será completamente renovada.

Na Creche, as alterações esboçadas foram formuladas de molde a ajustar as posições da copa de leites e dispensário/banho, e a (continua na pág. 3)

RALI DO ALGARVE DE 1978 organizado pelo Racial Clube de Silves suscita amplo interesse

O Rali do Algarve de 1978, que conta para o Campeonato da Europa da modalidade, efectua-se de 2 a 5 de Novembro, num total de 1260 quilómetros, com 33 provas de classificação.

Em recente reunião, os promo-

tores desta espectacular prova, teceram referências às alterações técnicas do Rali e à orgânica da prova, cujas etapas começam e acabam na Aldeia das Açoiteias.

Igualmente divulgaram que além (continua na pág. 4)

A NECESSIDADE DE RECONHECER, ESTREITAR E FORTALECER OS LAÇOS QUE UNEM OS PORTUGUESES DISPERSOS PELO MUNDO CONDUZ-NOS-Á CERTAMENTE A FORMULAR UMA NOVA FILOSOFIA DA EMIGRAÇÃO.

RAMALHO EANES

O planeamento do turismo

(continuação da pág. 1)

Pagante, o Zé Contribuinte, o Zé Explorador de todos os dias do ano, escravo da inflação de arastão, vá lá, beneficiando aqui e acolá por este ou aquele acontecimento ou estrutura, beneficiando por tabela ou via indireta, mas também, já o dissémos, compatriota da tal legião de usurários e contrabandistas do Povo, que se aproveitam do caos reinante, ou por isso mesmo, são reis no país do caos.

Enfim, não é tudo que está mal, mas é muita coisa que urge ser modificada, e por alguma ponta se tem que pegar mais dia menos dia, sob pena de embatermos noutro beco sem saída, mas sem esquecer que para isso também é preciso força, sentido e orientação bem definidas, da parte de quem gera, organiza e exerce o poder não só das armas, mas dos cofres deste País.

Aqui surge o Planeamento. O braço auxiliar dos órgãos de decisão. O cérebro que opera na sombra. A mão invisível e tecnocrática que terá de trabalhar objectivamente. Sobretudo. Uma objectividade em prol dos interesses da comunidade, defendida ao máximo das pequenas e grandes presões individuais, de grupos, de partidos e de toda uma catravida de interesses mesquinhos e sectários.

É nesta actuação de colagem da teoria do Planeamento à prática, que surge a necessidade dos contributos de referência exaustiva e localizada de descrição da realidade, e do apontar das necessidades específicas de cada terra, concelho, província ou país, tal como, muito bem, um colaborador destas páginas desenvolveu ao longo das últimas semanas. Sem uma visão muito límpida do quadro em que se insere uma realidade económica que se pretenda modificar, é impossível ao planeador exercer correctamente a sua função.

Mas vamos, após estas linhas introdutórias, retomar o fio da meada. Tínhamos apontado como objectivos prioritários na elaboração de um Plano de Desenvolvimento do Turismo, o aumento global do número de turistas, e o incremento da despesa média por turista.

Vejamos agora que tipo de ações haverá que desenvolver para atingir tal tipo de metas.

MOBÍLIAS

Compram-se, usadas, em qualquer estilo ou peças soltas.

Nesta redacção se informa.

PASTOR ALEMÃO

VENDE-SE

Casal, 3 meses, Reg. L. O. P. Óptimo pedigree.

Telef. 22594 — TAVIRA. (2-2)

ELECTRICISTA ADMITE-SE

Com experiência de força motriz e automáticos.

Nesta redacção se informa.

VENDE-SE

Terreno c/ aproximadamente 2 700 m², com óptimas vistas, para construção, junto estrada Loulé-Faro, c/ água e luz.

Informa Quiosque Ele e Ela em frente aos correios de Loulé.

No que respeita ao aumento global do número de turistas há que proceder desde logo à intensificação e ao aperfeiçoamento das ações de promoção turística e lançando mesmo mão de novas técnicas mais eficientes, tendo em vista um objectivo fundamental: a diversificação das motivações da procura.

Por muito que isso pese a muita gente, e mau grado a melhoria relativa nos calendários de animação ocorridos de há dois anos a esta parte, o Turismo em Portugal continua assente preferencialmente na fórmula do «sol, praia e amor», que até vem confirmada nalguns inquéritos realizados sobre os gostos dos turistas, mas que conduz a esta situação de todos nós conhecida e tragicamente caricata: nadamos em fartura de multidão nos meses de canícula, e gelam os estabelecimentos de actividade turística nos restantes meses do ano.

E porquê, se passa isto?

Porque não tem sido promovida uma política coerente e com suficiente base de apoio no sentido de diversificar a motivação que traz o turista ao nosso País. Vejamos. Que mais temos para oferecer a quem nos visita, aquino Algarve, por exemplo, do que o circuito litoral de praias que mais parecem formigueiros de pessoas e de automóveis? Porque se não promovem as estâncias termais? E as reservas de caça e pesca? E as pousadas nas serras? E os centros de artesanato? E os centros culturais? E centros de trabalho para jovens estrangeiros? E centros e salões culturais? E se promove o Turismo juvenil? E os campos para o turismo da terceira idade? Tudo isto, porque o Turismo carece de ser planeado.

Paralelamente, exige-se a intensificação das ações de penetração nos mercados que possuam grandes volumes de população e altos níveis de vida.

É com este objectivo que as ações de atração do turismo externo terão que ser intensificadas através da publicidade, das exposições, das relações públicas, o que implica um investimento decidido e em força neste campo promocional. Por exemplo, aquino mesmo ao lado, a nossa vizinha Espanha, de 1972 a 1975 investiu cerca de um milhão de contos só na captação promocional do turismo externo, que é aquele que influiu decisivamente na balança de pagamentos.

Outro ponto a atender, consiste no aproveitamento óptimo das capacidades já existentes, na modernização e ampliação da oferta turística, no aperfeiçoamento das respectivas infraestruturas.

Trata-se, no fundo, de um revisionismo turístico, numa negação da política de terra queimada que se pretendeu em certa altura do

PREC impôr, ou seja, há é que dar nova vida ao que já existe, e pensar em construir em termos e olhos postos no futuro.

É por isso importante, e já o focámos há pouco, o fomento da promoção e da oferta turística em novas zonas. Também aqui se realiza a assinência definitória do Turismo como actividade produtiva, que conduz ao conhecimento pleno da realidade geográfica e humana, e contribui para uma melhor redistribuição territorial do Rendimento Nacional.

Dentro destes parâmetros, o investimento do sector privado assume um papel fundamental no desenvolvimento e na concretização dos objectivos enunciados. Citando ainda o exemplo espanhol, no período de duração do III Plano de Desarrollo (1972-75), a iniciativa privada contribuiu com um acréscimo de mais de 250.000 camas diárias na hotelaria, para atender à procura prevista.

E, em 1975, previa-se que a Espanha dispusesse de uma oferta hoteleira da ordem das 800.000 camas diárias.

Por outro lado, nem só de pessoas e hotéis se compõe a oferta de alojamento. Os meios complementares ocupam igualmente um papel importante. Parques de campismo, hospedarias, casas particulares e apartamentos, necessitam igualmente de programar e integrar o seu incremento.

Tudo isto, é claro, revela e exige uma premissa fundamental: a confiança do sector privado. Não se poderá esperar o estímulo da iniciativa privada, com a manutenção de determinadas leis que regulamentam negativamente o trabalho e o investimento, e que desmobilizam o interesse dos empresários e investidores.

Sem recuperar a confiança destes parceiros sociais, é impensável qualquer recuperação dos agregados económicos. Por outro lado, defende-se a iniciativa, sim senhor, como sector de arraste da economia, mas dentro de regras e leis do jogo minimamente definidas. Cartas na mesa.

Não mais os planeamentos privados, as coutadas de influências enormes sobre o poder. Acima de tudo, há que reencontrar o equilíbrio da balança, a tolerância e a vontade de construir da qual todos parecemos afastados já se vão acumulando alguns anos.

A divisão, a clubite política, o ódio cego, os recalcamentos individuais à flor da pele de cada um de nós, encaminham este País para a cauda de um combóio que não pára, e do qual, quem se apear, estará irremediavelmente perdido, inexoravelmente enterrado num passado de frustração.

Estaremos à beira do fim? Não vamos crer. Não vamos.

JOSÉ MANUEL MENDES

Concurso de Escanções no Algarve

No passado dia 14, efectuou-se em Faro, na Escola de Hotelaria e Turismo do Algarve, o 1.º Concurso de Escanções, Fase Regional do Algarve que servirá de apuramento para o 1.º Concurso Nacional de Escanções a realizar em Lisboa no dia 30 do corrente.

O júri era composto pelos seguintes elementos: Francisco Esteves Gonçalves — Presidente da Associação de Escanções de Portugal, José Bernardino Carriço Costa e Jaime Alves, também da Associação de Escanções; eng. António Júlio d'Alpuim, da Junta Nacional do Vinho e Victor Ponte Fernandes, Técnico Provedor da J. N. V. Secretariou o referido concurso D. Maria Luísa Lavadinho da J. N. V. e D. Rosa Heitor, da Associação de Escanções.

Concorreram os seguintes profissionais escanções: José Mário dos Santos Valente e Francisco da Conceição Paixão, do Hotel Dona Filipa, Marcelino Sá, do Hotel Algarve, Joaquim Caetano Coelho, da Aldeia das Açoiteias

e Joaquim Faustino dos Santos, do Hotel Alvor. Os três primeiros foram apurados para o Concurso Nacional e aos dois últimos foram oferecidas medalhas comemorativas do referido concurso.

É de salientar que foi este o primeiro concurso do género efectuado em Portugal e que em zonas de forte densidade hoteleira, como sejam Lisboa e Porto, o apuramento regional não se efectuou por falta de número de correntes.

O 1.º Concurso Mundial de Escanções irá igualmente ser feito em Portugal, mas concretamente no Casino Estoril em Novembro próximo.

Esta iniciativa foi levada a cabo pela Associação de Escanções de Portugal em colaboração com o Centro Nacional de Formação Turística e Hoteleira e as Escolas de Hotelaria do país.

É de louvar a acção agora lançada que contribuirá para a divulgação do papel fundamental que na Hotelaria representa o escançao.

O ESPECTÁCULO PORTUGUÊS

(continuação da pág. 1)

da pela Secretaria de Estado da Comunicação Social, pelo então Secretário de Estado para a Emigração, Dr. João Lima, pode-se ler textualmente: «O aumento espetacular das remessas dos emigrantes, tem claramente o significado da confiança e apoio que o Portugal de hoje e as suas instituições políticas merecem das comunidades».

Se os nossos políticos de hoje — mais, imensamente mais dos que antigamente — não nos tivessem habituado a uma sistemática fraseologia demagógica, diríamos que o sr. Secretário de Estado estava a sonhar ou que então, o que seria imensamente mais grave, teria perdido todo o sentido das responsabilidades que os deveres da sua função lhe impõem. Não, Sr. Dr. João Lima, os portugueses que trabalham e ganham a vida honradamente no estrangeiro, mesmo aqueles que vieram para cá clandestinamente noutros tempos por lhe ser negado o legítimo direito a um passaporte, nunca tiveram menos confiança nos dirigentes do seu país, do que depois da chamada revolução do 25 de Abril. Se fosse possível fazer um inquérito honesto a esse respeito, o Sr. Dr. João Lima não teria dificuldade a constatar que a maioria esmagadora dos nossos trabalhadores emigrantes, lamentam que o país tenha caído nas mãos de indivíduos sem a menor competência e diríamos mesmo dignidade, para o governar. É preciso não confundir a grande massa dos portugueses que tanto honram o seu país com o seu trabalho honesto, com a orquestração que meia dúzia de laiaços de certos partidos políticos fazem cá fora, embora sem eco, nem base para convencer seja quem for. Essa é a grande realidade. O aumento massivo das economias enviadas para Portugal resulta simplesmente e nada mais, da desvalorização monstra que o Escudo tem sofrido de dia para dia desde a Revolução de Abril. Nunca em França os bancos franceses, tiveram tão volumoso e grande número de depósitos dos nossos emigrantes, como no presente. Só para compra de casas ou fazer face a deveres de família, leva a nossa gente a enviar dinheiro para Portugal. Pelo contrário, a actual situação económica e política do país, preocupa os grandemente. Até uma grande parte dos que foram definitivamente para Portugal, lamentam hoje não poder regressar ao lugar de partida. Essa é a grande realidade em relação à Emigração.

Infelizmente, repetimos, a atitude do ex-Secretário de Estado para a Emigração — salvo raras e honoríssimas excepções — tem sido a regra geral dos homens políticos portugueses que no topo das responsabilidades, dirigem ou pretendem dirigir o país desde a chamada revolução do 25 de Abril. Isso representaria uma grande comédia, senão fosse um incomensurável desastre para a maioria esmagadora dos portugueses. O pior para todos nós, é que toda essa demagogia, essa fraseologia oca e sem sentido, se faz em nome do Povo, da Liberdade e da Democracia. Isso como se esses nobres e elevados princípios, fossem sinônimos de desordem, arrogância e incompetência, que é o espetáculo que o Portugal de hoje oferece, ao mundo inteiro. Só a cegueira partidária, a arrogância e o egoísmo de certos, pode pretender o contrário.

Apesar da orquestração feita na Rádio, Televisão e Imprensa estatizada que outros objectivos parecem não ter que não seja o de intoxicar a opinião pública, usando e abusando de chavões que a experiência demonstrou não terem o menor significado prático, a verdade de acreditar na lenglenga e fanfarriões dos nossos principais políticos e seus acólitos. Esses poderosos meios de comunicação, dado o obscurantismo em que o nosso povo viveu durante cinco longas décadas, deviam ter por missão fundamental, a educação cívica do Povo, sem fanatismo nem sectarismo, para que o Homem português tenha perfeita consciência dos seus direitos e deveres para com a colectividade.

A democracia não tem, não pode ter como objectivo, manter a mediocridade no Poder, charlatões sem a mínima competência para defender e governar os interesses maiores da comunidade. Uma das primeiras qualidades da democracia, é facilitar a escolha entre os cidadãos de maneira a que sejam os mais competentes a governar.

Esse não tem sido até agora o caso português. Basta ver o espetáculo vergonhoso que nestes últimos dias os responsáveis dos partidos, a começar por Mário Soares, deram na Assembleia da República, para que o Povo possa julgar da capacidade e honestidade dessa gente. A maioria desses homens sempre se têm preocupado mais com os seus interesses pessoais, com os interesses dos seus partidos, do que com o interesse do Povo. A História terá fatalmente que os julgar com a severidade que merecem. O exemplo que nos dão, nada tem de democrático e menos ainda de rigor intelectual e moral. Isso repugna mais ao homem profissional, quando lhe é dado contemplar que esses senhores, para justificarem os seus actos, a sua incompetência e arrogância, evocam símbolos de civilização, como seja a Liberdade, a Democracia e Justiça que bem pouco têm de comum, com a sua maneira de estar na vida. Só são a Democracia, a Liberdade e a Justiça.

O país, o que não é segredo para ninguém, está de tanga. Se não queremos perder todo o sentido de dignidade nacional e verdadeiramente bater-nos pela construção de uma sociedade autenticamente democrática e civilizada, onde a convivência e fraternidade venham substituir a incompetência e a mentira de hoje, temos que ter coragem, todos e cada um de nós, de dar a nossa contribuição para que a verdade, a cultura cívica e a Justiça se imponham. Sem uma formação cívica de base, isenta de todo o fanatismo sectário, o Homem, qualquer homem, nunca se poderá determinar com conhecimento de causa. Para isso basta dizer que não existe no mundo um só país democrata, que não tenha por base um Povo culto e esclarecido. Que se aponte o primeiro. A base de qualquer democracia é a cultura e, sem cultura nenhuma, o que quer dizer consciência das realidades, não há democracia que valha. Tudo o que se tem observado em Portugal desde a revolução dos cravos, não tem passado de pura especulação demagógica e isso, com grande prejuízo moral e material para a maioria do Povo. Não basta evocar nobres ideais de civilização, impõe-se antes de tudo ter a honestidade e a capacidade de os pôr em prática. Honestamente, não será assim? As nossas convicções têm por base, cerca de trinta anos intensamente vividos ao contacto com instituições dum dos países mais democráticos do mundo civilizado.

FALECIMENTO

Faleceu em Lisboa, onde há muito tempo fixara residência, a nossa conterrânea sr. D. Maria de Sousa Leal Careto Bota, viúva do sr. Abílio Martins Bota, de 67 anos de idade.

A saudosa extinta era mãe da sr. D. Ruth Maria Leal Careto Bota, arquitecta em Oeiras e da sr. D. Magda Maria Leal Careto Bota, analista biológica em Lisboa e nossas conterrâneas e irmãs da sr. D. Raquel Careto, D. Clementina Leal Careto Marques, D. Lídia Leal Careto Almeida, D. Fernanda Leal Careto Pardal e de D. Maria Isabel Leal Careto Faria. A extinta deixa 5 netos. O funeral realizou-se no dia 16, saindo da igreja de São João de Deus para o cemitério do Lumiar em Lisboa.

A família enlutada apresenta sentidas condolências.

HAJA MISERICÓRDIA

para com a Misericórdia de Loulé

(Continuação da pág. 1)
gos, a solicitar a comparticipação de todos, independentemente das suas convicções religiosas, sob a forma regular de quotizações.

É de esperar, portanto, que ante a este apelo tão veemente, a população do Concelho de Loulé, não tarde a corresponder, da melhor maneira, ao anseio da Comissão Administrativa; o de apresentar quanto antes obra acabada, a qual tem jus à boa compreensão de todos.

HÁ QUE MINORAR OS DANOS CAUSADOS PELO ESTADO

Temos a impressão (pessoal) que o tratamento dispensado pelo Estado às Misericórdias Portuguesas, no biênio 74-75, se filiou, entre várias motivações socializantes, à noção sócio-filosófica, muito difusa e ambígua, do «caritativismo» tomado, segundo o parecer de certos compêndios em voga, no sentido da simulação da verdadeira generosidade. O «caritativismo», na expressão dos neofracionalistas, não passa de certo tipo de fachadismo, com o qual se mascara o quinhão supérfluo, as sobras caídas da mesa dos ricos na mão dos pobres.

Se bem que o «caritativismo» não deixe de conter forte conteúdo acusativo, explicado pelas sociedades farisaicas, mentalmente pragmatizadas e hedonistas, essa interpretação não se ajusta, nem por sombras, às Misericórdias Portuguesas, que se semearam pelo País fora, durante séculos a fio, hospitais destinados a gente de mínguadas posses, chegando a assistir e a aplacar sofrimentos a largos sectores populacionais, nomeadamente, ao meio rural, onde o sistema de saúde estatal não demonstrou qualquer hipótese de viabilidade e de penetração.

Entretanto, por via de novas concepções aglutinadas ao projecto do Serviço Nacional de Saúde, os hospitais pertencentes às Misericórdias passaram, por força compulsiva de decretos, a integrar o património do Estado.

Ficaram, portanto, as Misericórdias Portuguesas, espoliadas dos seus hospitais, criados sabe-se lá com que estoicas cruzadas de bem-fazer e com que devotamento ao próximo!

Passados que foram os primeiros momentos de perplexidade, de consternação e aturdimento, a União das Misericórdias Portuguesas

sas, tocaram por fim a rebate e, em Assembleia Geral, analisaram a situação a que tinham sido metidas, tendo na ocasião lavrado diversas moções que foram endereçadas a competentes membros do Governo.

Retemos e extractamos um dos pontos insertos naqueles documentos:

«Permanecendo um extenso contencioso entre o Estado e as Misericórdias porque este ainda as não indemnizou dos bens que, abusivamente, lhes ocupou e também, porque as verbas que lhe atribuiu, pelos serviços prestados, estão longe de serem justos, apela para S. Ex.º o Senhor Secretário de Estado da Segurança Social para que seja iniciado e aberto diálogo que permita um rápido e correcto estudo dos problemas existentes e uma condigna solução de todos eles».

Supondo que realmente por diligências da União das Misericórdias esse diálogo tenha sido entabulado, a verdade é que até agora o diálogo (que se pretendia rápido) se prolonga ou foi interrompido (?), não se conhecendo ou vislumbrando qualquer avanço visível e positivo.

Isto é o que pressupomos da leitura do comunicado emitido pela Misericórdia de Loulé, que a certo passo diz:

«Algumas quantias em dinheiro, penosamente angariadas em batalhas de flores e depositadas à ordem do provedor em vários estabelecimentos bancários foram indevidamente gastos no hospital já depois da oficialização do mesmo e portanto em época em que dependia unicamente do Estado. Temos esperança que esta importância que ronda os três mil contos nos seja superiormente devolvida mas até lá precisamos de viver».

Quer isto dizer, muito laconicamente traduzido, que os dinheiros privativos da Misericórdia de Loulé, cerca de 3 mil contos, foram consumidos desacionariamente por um hospital do Estado!

Há esperanças na sua devolução, mas também há quem não tenha a mínima esperança...

Sucede, todavia, que a Santa Casa da Misericórdia de Loulé, prossegue com desvelo a sua nobre missão e projecta de princípio e num futuro próximo, abrir um centro de dia para a 3.ª idade, mais tarde outros centros mais e lares também.

COMUNICADO

O STAND AVENIDA, com sede na Avenida José da Costa Mealha, 44 — Telef. 62482, em Loulé, comunica que foi nomeado, pela firma RODOVIL, do Porto, agente oficial da marca ISUZU, para o Distrito de Faro, passando a partir desta data, a efectuar os serviços de assistência e venda de peças da referida Marca.

(4-1)

ADMITE-SE

Importante Empresa de Pesticidas admite um técnico para trabalhar na Região do Algarve.

Enviar Curriculum Vitae ao n.º 26 deste jornal.

(2-1)

Consta-nos que para o primeiro caso conta já com casa alugada, a qual já beneficiou de obras de adaptação.

O seu funcionamento, ao que procurámos averiguar, depende da aprovação do quadro do seu pessoal por parte do Ministério dos Assuntos Sociais e da aquisição do respectivo recheio.

Na verdade a Comissão Administrativa tem pressa de apresentar obra feita, mas não será menos exacto que tal desiderado está a ser muito coactado pelas dificuldades financeiras a que, naturalmente, não é estranho o esbulho a que foi sujeita.

Achamos que já é tempo do Estado considerar em termos concretos a situação da Misericórdia de Loulé e de assumir as responsabilidades que lhe cabem embora herdadas das legislaturas anteriores...

«O seu a seu dono», eis uma máxima de direito que só terá de paradojal se não for cumprida.

J. C. VIEGAS

REMODELAÇÃO DA CRECHE E DO JARDIM DE INFÂNCIA DE LOULÉ

(continuação da pág. 1)

promover uma nova organização dos sanitários para crianças.

Embora se entenda que os «espaços exteriores» se encontram em estado razoável, é concludente que a carência maior reside na falta de aparelhos de recreio.

Assim, para a área de 2.500 metros quadrados, a quanto monta a superfície descoberta, está prevista a instalação de aparelhos de recreio, piscina e de um parque para iniciação desportiva.

A inovação do parque de jogos,

MISSA

4 ANOS DE SAUDADE

MATEUS DE SOUSA

GONÇALVES CACHOLA

Seus pais recordam com saudade a data triste que assinala o 4.º aniversário da morte do seu ente querido e comunicam a todas as pessoas amigas e de suas relações que no próximo dia 9 de Outubro, pelas 19,15 horas, será rezada missa na Igreja de S. Francisco pela alma do seu saudoso extinto.

Antecipadamente agradecemos às pessoas que se dignem assistir a este piedoso acto.

VENDE-SE

Uma forgoneta em bom estado de conservação de caixa aberta, F. K. — 1250. Tratar na Praça da República, 58, em Loulé.

J. C. V.

Concurso Hípico Internacional da Penina

(continuação da pág. 1)

Presentes os mais categorizados nomes do hipismo português e alguns notáveis concorrentes de países estrangeiros, especialmente da Espanha e Grã-Bretanha.

Eis os resultados mais destacados das provas realizadas no decurso do X Concurso Internacional de Saltos na Penina:

Dia 5 de Setembro — Prova da Federação Portuguesa para Cavalos de 1.ª Categoria

1.º, «Primoroso», com Vasco Picão Fernandes.

Dia 6 de Setembro — Prova «Clube de Golfe da Penina»

1.º — «Gábia», com o capitão Balula Cid.

Prova «Casinos do Algarve»

1.º, «Ribamar», com o capitão Pimenta da Gama.

Dia 7 de Setembro — Prova da Federação Portuguesa para Cavalos da 4.ª Categoria

1.º — «Pê-a-Pá», com o alferes Rolo Duarte.

Prova «Derby do Algarve»

Comissão Regional de Turismo do Algarve

1.º — «Ribamar», com o capitão Pimenta da Gama.

Dia 8 de Setembro

Prova «Penina»

1.º, «Ribamar», com o capitão Pimenta da Gama.

Prova «Sandeman»

1.º — «Mon Palais», com o tenente coronel Carlos Campos.

Dia 9 de Setembro

Prova «Pepsicola»

1.º — «Heer», com Teresa Ferreira dos Santos.

Prova «Grande Prémio da Penina»

(Direcção Geral de Turismo)

1.º — «Ribamar», com o capitão Pimenta da Gama.

Dia 10 de Setembro

Prova «Tuborg»

1.º — «Night an Day», com José Franco de Sousa.

IV Campeonato de Salto em Altura

1.º — «Titânia», com o tenente coronel Marques Pereira.

O júri atribuiu os seguintes troféus especiais:

— Prémio da Câmara Municipal de Portimão, (para o cavaleiro melhor classificado no conjunto das provas) — ao capitão Pimenta da Gama;

— Prémio Lord Robert (oferecido pelo brigadeiro Henrique Calado ao cavaleiro português com melhor pontuação montando o mesmo cavalo) — ao capitão Pimenta da Gama, no cavalo «Ribamar».

Prédios em Faro

Vende-se um prédio situado na Rua Dr. Emiliano da Costa, com 7 divisões e outro na R. Actor Nascimento Fernandes, com 6 divisões e quintal.

Trata na Junta de Freguesia de S. Sebastião de Loulé.

PROPRIEDADE

VENDE-SE, de boa terra de semear composta de amendoins, figueiras, oliveiras e alfarrobeiras.

Informa na Rua Condestável D. Nuno Álvares Pereira, n.º 3 ou na R. do Matadouro, 4 em Loulé.

EMPREGADO

PRECISA-SE

De 13 a 15 anos.

Nesta redacção se informa.

PROPRIEDADE

COMPRA-SE

Propriedade rústica de preferência inculta, com mais de 20 hectares, compra-se, de baixo preço, entre Loulé e Vila Real de S. António.

Nesta redacção se informa.

VENDE-SE CARRO

Peugeot 404, diesel, em bom estado.

Nesta redacção se informa.

Quando um Partido Comunista exige eleições

Quem conhece as cidades es-
cravizadas em máscaras metá-
licas, arames farrapados, hospitais
psiquiátricos e campos de con-
centração, tem uma ideia do que
é ser governado por um senhor
síndico, deputado único de assem-
bleias enlatadas, ministro só de
casas abotoadas, um senhor dou-
tor formado nos ofícios da buro-
cracia, canudo requerido com pa-
pel selado a Bem da Nação.

Discursos de ponto e vírgula
prometendo mundos e fundos ao
operário em construção de olhos
tapados, ao camponês empenhan-
do a terra com seu suor, ao aban-
dono e longe dos banquetes dos
parasitas, são alicerces e andai-
mes para construir o tal Casarão
de planos obscuros, onde o úni-
co governador regula e sinaliza
a placa da fome sangrenta, do
campo dos mártires, dos fuzila-
mentos de quem não come a
açorda a vida inteira.

Quando um Partido Comunista
exige eleições, apregoa a demo-
cracia e a liberdade, anda nas
ruas com as suas grafonolas bei-
jando os pobres e as criancinhas,
é porque os cabos e as roldanas
da ditadura cruzam-se e vibram
nas quinas da fúria, espreitando a
hora de preparar o salto e medir
a distância. Primeiro o disfarce
em gritos de verdade e de razão
aproveitando o descontentamento
popular, depois a mordaça e a
corda ao pescoço dos falhados
que apoiam inconscientemente
a tirania e as algemas.

Há muitas criaturas bem inten-
cionadas que engolem o punho
que se ergue, a foice e o martelo,
indivíduos de pensamento em
brasa, revoltados com uma situa-
ção recalada, mediocres, mas que
esquecem que ainda podem ao
menos manifestar-se que têm fo-
me ao contrário das cadeias e da
violência dos regimes totalitários.

A cicatriz e a veruga dos sis-
temas de grades e símbolos de
todas as maldades, as razões e
as verdades queimadas, os espi-

ritos alterados, constituem uma
navalha de gumes no coração da-
queles que ainda sentem a perfeita
harmonia de um amigo, de uma
ideia livre, de uma mesa bem re-
partida.

Quando um Partido Comunista
exige eleições e boicota as mes-
mas, proibindo a livre expressão,
a livre reunião e associação, é
porque cada partícula repressiva
que sustenta o regime é a ex-
plosão de uma fera esfomeada
ampliando a atmosfera de suí-
cidos, proibindo um simples cigar-
ro aceso do cidadão nervoso.

Vém ao televisor com palavras
e canções de luta comerciais es-
petadas nos dentes, organizam
comícios de poetas e manifesta-
ções de flores, proclamam a ne-
cessidade da distribuição do tra-
balho, cozinharam, falam, cantam,
lamentam com objectivo único de
se instalarem no Poder e transformar-
em promessas prometidas
no suicídio público no arraso às
fábricas e às sessões culturais.

Mas há a esperança que tudo
envelhece e talvez as rosas dos
senhores metálicos com seus ri-

sos práticos, nojentos da política
explorando o patriotismo, se
transformem em folhas mirradas
pelo tempo sem cuidado. A valentia, a doutorância, as fardas in-
cômodas, as botas que nos intriga-
gam, as faces pintadas de um
vermelho de Inferno segundo as
previsões dos mais optimistas
serão derrubadas pela raiz huma-
na das almas que sabem ler si-
nas e corações, raciocinando os
pessimistas que uma banda tam-
bém, a língua dos canhões e
das pistolas, acabarão de uma vez
com esta peça de chita que é o
mundo.

Quando o Partido Comunista
exige eleições e as profecias de
Bandarra rezam de que perto está
o fim, eu fico na minha:

— A liberdade de um jantar ce-
dinho, de um postal aberto à na-
morada, de uma bebida com um
amigo, enquanto é tempo, lívra-
nos da retrete que o mundo é,
dos peles vermelhas e do chico-
te. Mais vale ignorar a derrota do
mundo e deixar crescer os cornos
da civilização!

Luis Monteiro Pereira

Homenagem ao Dr. Mário Lyster Franco

(Continuação da pág. 1)
contro em sua casa, invocando,
entre outros, motivos de saúde.
Não deixou, por isso, de alcançar
o acto todo o significado preten-
do. Representando a Casa do
Algarve e o GEA todo o pensa-
mento a todos os algarvios que,
por suas obras têm sabido honrar
esta região, dir-se-ia que, naquele
pequeno grupo que se deslocou
a casa do Dr. Mário Lyster Franco,
ia todo o Algarve em homen-
agem.

Diversos telegramas, um deles
do próprio Governador Civil, fo-
ram os primeiros a chegar. Na
breve cerimónia, Joaquim António
Nunes, Presidente da Direcção da
Casa do Algarve, fez a entrega ao
homenageado de um diploma de
sócio honário daquela casa regio-
nal, tendo o Dr. Alberto Iria feito
a leitura de uma placa evoca-
tiva do acto. Por fim, João Braz,
da Direcção do Grupo de Estudos
Algarvios, recordou, em verso, o
dia em que nasceu a ideia desta
homenagem.

O Dr. Mário Lyster Franco, mod-
estamente, teve palavras de mui-

to apreço quer para com os pre-
sentes, quer para com todos aque-
les que, sem terem nascido de
meios intelectuais, fizeram-se a si
mesmos, honrando e elevando a
sua terra. E, entrevistado pela rá-
dio, diria, mesmo, não se consi-
derar digno de tal homenagem.

Mário Lyster Franco, a quem o
Dr. Alberto Iria voltaria a chamar
«o algarvio n.º 1, isto é, o algar-
vio cem por cento algarvio», que
tem hoje o Algarve, pois ele «traz
de há muito o Algarve na vivaci-
dade da sua inteligência; no mais
fundo do seu coração, na constân-
cia e lealdade do seu pensamen-
to; na sua comprovada e constru-
tiva actividade; e, de modo públi-
co e notório, no brilho inconfun-
dível de oradores de alta estrofe
e no fulgor da sua pena de bri-
lhante escritor, como arqueólogo,
historiador, humanista e benemé-
rito, bibliógrafo e bibliófilo».

O semanário «Correio do Sul»,
de que é director e principal co-
laborador desde há muitos anos,
passou desde então a ser o ver-
dadeiro arquivo da cultura algar-
via, onde ocupa inestimável lugar.
Mas não é só no seu jornal que
Lyster Franco vem deixando re-
gistado todo o conhecer contem-
porâneo algarvio. Abarcando mais
de 1100 nomes de algarvios ou de
escritores de outras regiões que
hajam escrito sobre o Algarve, a
sua «Algarviana» é, sem dúvida,
a mais importante obra jamais es-
crita no Algarve, mesmo obra ím-
par no panorama cultural portu-
guês.

No final desta significativa ho-
menagem, teve o Dr. Mário Lyster
Franco a promessa da Casa do
Algarve e do Grupo de Estudos
Algarvios de que iam incluir nos
seus planos de actividades para
1979 a edição daquela obra monu-
mental. Para tal, vão ser contac-
tadas as várias entidades respon-
sáveis pela cultura e pelo desen-
volvimento do Algarve, esperan-
do-se a sua maior colaboração pa-
ra que possa ser finalmente edi-
tada a «Algarviana».

Rali do Algarve de 1978

(continuação da pág. 1)
de consagrados volantes nacionais,
estarão presentes relevantes no-
mes internacionais, assim como
franceses e belgas.

Como é de compreender, uma
vez que as inscrições encerram a
11 de Outubro próximo, é de ad-
mitir que ainda venham a verifi-
car-se novas inscrições de mais
volantes de nomeada.

Por outro lado, o Rali do Algar-
ve que em 1972 mereceu da Fed-
eração Internacional de Automó-
bilismo o coeficiente 1, granjeou
este ano o coeficiente 2, que pro-
porciona ao Racial Clube de Silves
a recompensa dos seus porfiados
empenhos postos ao dispor da
causa automobilística e do turis-
mo desta província.

A. P.

De «O Tempo»

MELO ANTUNES ATACADO... COM PALAVRAS

Não somos partidários do in-
sulto ou da violência. Mas cada
um tem as suas razões, para, por
vezes, agir incontroladamente.

Melo Antunes que a cidade co-
nheceu em estudante veio a Tavira
passar alguns dias de vigiliatura.
Tem esse direito assim como
todos os que trabalhem e
possam dispor de algum tempo
e dos mínimos maios.

Num restaurante, reconhecido,
apesar da sua natural intenção de
se manter no anonimato, foi in-
vectivado de forma violenta por
uma senhora obrigando o conse-
lhheiro da Revolução a apelar para
as autoridades, que acalmaram um pouco os ânimos, embora
não antes de muita gente se
ter reunido à volta do aconteci-
mento.

Tratava-se de pessoa deslo-
cada de Angola. Que passou à con-
dição de retornada, ao abrigo da
descolonização, dita exemplar,
que tirou a centenas de milhar-
os seus únicos haveres obrigan-
do-os a fugir, pelo instinto de
conservação, de uma terra que era
também sua e que muitos cho-
ram à distância.

Não somos, como se disse,
partidários do confronto violento
e do insulto. Mas os aconteci-
mentos que tiram a uns tudo
quanto têm e dão a outros orde-
nados de ministro, motorista e
carro à ordem, deixam, certamen-
te, marcas no espírito de quem
sofreu tamanha punição e o não
merecia.

C. R.

(Do jornal «O Tavira»)

Inscrições para classes de ginástica no INATEL

Estão abertas desde 1 e encer-
ram a 30 de Setembro, na sede
da Delegação do INATEL, em Faro
(Travessa do Castilho, 35-2.º)
as inscrições para as classes de
ginástica de «homens», «senho-
ras» e «infantis», desde que
observadas as seguintes condi-
ções:

1 — As classes de adultos
(masculinos e femininas) estão
abertas a trabalhadores com mais
de 14 anos e que sejam sócios
do INATEL.

2 — As classes infantis estão
abertas a filhos de sócios com
idades compreendidas entre os 4
e 10 anos.

O funcionamento das referidas
classes está previsto entre as 18
e as 20 horas, com locais e dias
a designar. Cada classe terá duas
sessões semanais com duração
de 50 minutos, sendo gratuitas
tanto as inscrições como a fre-
quência.

Prevendo-se afluência conside-
rável, a prioridade será estabele-
cida pela ordem de entrada de
inscrições.

VISITA AO ALGARVE DO VICE-CÔNSUL AMERICANO

No exercício das suas funções
visitou o Algarve nos dias 27 e
28 do corrente o Vice-Cônsul
Americano, Michel E. Ranneberger,
tendo ficado hospedado no Hotel
Balaia, em Albufeira, onde rece-
beu compatriotas seus, residen-
tes naquela zona.

Na Praça das Nacionalizações,